

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: QUANDO O ALUNO TEM VOZ

SÉRGIO RENATO FURTADO FLORES
EMEF GERMANO HÜBNER

Foi muito interessante projetar a participação de nosso educandário nos projetos de vídeo. Inicialmente a motivação era enorme, mas a expectativa em fazer trabalhos bem feitos para que servissem aos alunos e ao público tornavam-se horas de preparação meticulosas, para que pudéssemos bem representar a Escola e o tema proposto. Estes dois anos de projeto trouxeram amadurecimento das propostas, e como alguns alunos citam:

- “professor, não interessa ganhar né, o bom é a gente ver que o nosso trabalho foi bem feito”.

Porque esta é a justa aprendizagem a que me proponho quando iniciamos as filmagens: tentar fazer o melhor! Se ficou bom que venham prêmios ou não, mas o mais importante é que o trabalho seja olhado, visto e entendido. E nada melhor do que ver na carinha desses alunos atores o olhar de felicidade e orgulho quando eles assistem pela primeira vez a obra pronta, ou quando terminam de gravar uma cena em que eles lutam tanto para fazer bem feito, que acabam percebendo quando isso acontece. Sinceramente, essa hora me arrepia. Como sou oriundo da Educação Física, essa hora se compara à conquista de uma boa defesa, um gol ou um ponto, e quando terminamos a obra, isso equivale a um título conquistado.

E olha que de simples a tarefa não tem nada. Gosto de ser meticoloso na preparação, cuidar detalhes, organizar tudo para que nada seja criticado mais tarde, qualquer divergência é apontada, estudada e sanada para não deixar espaço para que falem: aquilo não era assim, poderia ter ficado melhor, isto está errado. Sou professor que resido na sede do município de São Lourenço do Sul, mas estou nesta escola desde 2002, portanto 15 anos valorizando e entendendo sua comunidade, e sei de todas as características que a mesma apresenta, a vida árdua de meus alunos e suas famílias fora do período de aulas, o sacrifício que muitos fazem para estar dentro da escola, as características enquanto povo pomerano, e suas alegrias. Tudo é pesado na hora de propor as atividades de gravação, e tudo é comprometido com esta comunidade. Esta escola a qual pertenço, é do interior do município de São Lourenço do Sul, metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, região da Laguna dos Patos. Os alunos, segundo nossas projeções, são em mais de 95% de descendência pomerana e isso motivou o primeiro vídeo: “Terras Novas” – a saga de um povo que se retirou da Pomerânia no norte da Europa e veio ao Brasil em busca de terras novas; que nos orgulhou com premiações de Melhor direção e Melhor direção de arte no Festival de São Lourenço do Sul em 2015 e Melhor Filme segundo o voto popular em 2016 no CBPVE (Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil). E já que a atividade sustentável principal de 100% de nossa clientela é a agricultura, e por saber de todos os conflitos que essas

atividades trazem, propusemos o segundo tema em 2016: “E o mundo onde está?” – que propunha um exame de nossas ações enquanto humanos ao planeta dos animais e das plantas que Deus nos deu, a poluição, o desmatamento e maus tratos aos animais; que nos deu a premiação de Melhor Vídeo na votação popular no Festival 2016 de São Lourenço do Sul e o prêmio de Melhor temática ambiental no Festival de Alvorada.

Por si só, esses já seriam motivos de muito orgulho para todos, mas sem sombra de dúvida, qualquer que seja a premiação alcançada, o melhor foi ver nossos vídeos mostrando o que nossa comunidade tem e o que consegue fazer.

Montar Terras Novas foi exercício árduo de pesquisas históricas para verificar em datas os relatos contados pelos parentes dos alunos, pesquisas com indumentárias, objetos utilizados, e várias reuniões para ir compondo a produção, intercalando a ficção de uma família que estaria se deslocando de lá para cá. Gravar foi o exercício mais interessante, o que mais aproximou o que estava escrito do que queríamos mostrar, os cenários, as marcações de espaços e o estudo anterior de cada locação, a preparação dos deslocamentos para os locais das locações, a verificação do tempo bom ou ruim para gravarmos, tudo foi sendo planejado e executado contando com todos, e ao final acho que os 33 membros do vídeo eram tudo ao mesmo tempo, tal o envolvimento que acometia a todos. As horas boas ficavam por conta de lanches característicos nos locais das gravações, uma gravação em uma escuna em pleno dia de chuva – fato marcante para quase todos que acompanharam nossa aventura de gravar.

Com a experiência do Terras Novas, pensar e executar o vídeo de 2016 “E o mundo onde está” foi uma ação mais pretenciosa, dar mais vida aos personagens, estabelecer mais diálogos a eles, buscar tocar em um tema atual e que trouxesse reflexão à comunidade escolar. Assim, este vídeo foi feito na forma de proposta de diálogos, em que os atores teriam a liberdade de expressar-se livremente segundo um objetivo traçado – um roteiro dando dicas: onde chegar e o que abordar. Muitos ensaios, erros, consertos, conversas, seções e mais seções fechados em sala de aula até que os diálogos ficassem firmes. As gravações aconteceram sem percalços maiores, quase que sem erros, as locações eram simples, com fácil acesso, próximas da escola, e foram feitas no mesmo dia. A inovação para este vídeo foi o exercício de criatividade máxima dado aos alunos, já que o texto a ser falado mostrava apenas o rumo, os pontos principais onde deveriam chegar as conversas das cenas.

Como incentivador do projeto de vídeos dentro da escola, considero que os objetivos que cada filme se propôs foi extremamente atingido, com efeito direto na aprendizagem dos educandos, mais ainda, envolvendo um número expressivo de interessados nas produções, e o que chama atenção, é que a participação não era apenas para atuação direta, encenando, mas participar, auxiliar na produção, organizar, e esse foi um ponto considerado de extrema valia: o grau de conhecimento atingido por todos os envolvidos, a experiência proporcionada que gerou um retorno mais que satis-

fatório a estes educandos, e a satisfação enquanto professor, de ver que cada vez mais alunos buscam participar deste tipo de atividade.

A salientar, temos a ação da direção da escola que respalda as produções, da comunidade que não mede esforços para proporcionar o que precisamos para realizar os vídeos. Quanto à nossa escola, a UFPel e o projeto de vídeos serão sempre bem vindos, e saibam que até mesmo o programa “Novo Mais Educação” da escola foi projetado para enquadrar a oficina “Cineclube” que vai tratar da produção de vídeos e cinema; em ação complementar, a disciplina de Língua Portuguesa do 9º ano tratará de uma programação exclusiva com um projeto “Crônicas para encenar”, portanto, um impulso a mais para prosseguirmos com as atividades de produção de vídeo.

Acreditamos que a iniciativa produz resultados positivos: traz inovação para uma escola mais ativa, onde não se perde tanto a atenção do aluno para outros meios; provoca e valoriza a criatividade; e introduz perspectivas diferentes de mundo e comunicação ao educando.

RELATO: VIVIAN RAFAELA HOLZ - ALUNA DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL

Foi muito interessante participar dos projetos de vídeo. Mesmo que totalmente diferentes nos assuntos, trouxeram muita coisa boa para nós, alunos desta escola, que é do interior de um município, sendo do interior do estado do RS.

Participar do “Terras Novas”, teve as horas de tensão, para saber como fazer, o que fazer e como ficaria, as preocupações em não errar, como começar a fazer, as vestimentas - figurino para cada um, os locais, que foram variados, tais como a escola, os vizinhos da escola, a casa de um colega da escola, e a escuna em pleno Arroio São Lourenço; e teve a hora da diversão, pois íamos a pé para as gravações próximas ou em ônibus para as mais distantes, as bagunças no trajeto, as palhaçadas do professor para descontrair, e enquanto isso, sabíamos que o making off tratava de registrar tudo, os lanches, os ensaios, e tudo ia nos deixando mais curiosos ainda para ver o final, o vídeo completo. E foram-se horas gravando a história dos pomeranos – meu povo - da Europa até chegarem em nossas terras. Até mesmo valorizar o que aprendemos e passamos, pois mesmo não chegando aos primeiros lugares nos concursos o que ficou de melhor foi ter feito parte do filme.

O segundo vídeo em 2016, “E o mundo onde está”, foi interessante porque nos fez entender onde estamos no mundo, o que fazemos com ele, e o que vai acontecer no futuro. Estas filmagens nos deixaram a mensagem sobre o homem e o meio ambiente, o desmatamento e a poluição do planeta, os maus tratos aos animais.

Achei interessante e válido ter participado. Aprender a falar em uma cena, a errar e consertar, entender o que fazer numa gravação. Os ensaios serviam para escutar as ideias do professor, colocarmos as nossas ideias e as propostas de falas, e embora

as gravações durassem pouco, e quase sem erros, os ensaios sim, esses foram numerosos e com muitos erros até que entendêssemos e fizéssemos da melhor forma para que tudo desse certo.

Finalizando, queria deixar registrado que foi um excelente aprendizado, que aprender a trabalhar em conjunto é muito bom e só tenho a agradecer ao Professor Sérgio Flores – nosso mentor – que sempre se dispõe a trabalhar com os vídeos e é muito querido conosco, aos professores do Projeto da UFPel e à nossa Direção da escola que nos proporciona essas atividades.

RELATO: SANDIÉLI REHBEIN HOLZ ALUNA DO 9º ANO DO FUNDAMENTAL

Durante a produção de vídeo para mostrar nosso trabalho que concorreria ao Festival de Vídeo em nosso município, tivemos vários alunos envolvidos, em todas as tarefas que a produção exigia, não só atuando, e todos gostaram muito de fazer o vídeo, porque foi uma grande experiência poder ter realizado algo desse tipo e na nossa escola.

Todos tiveram muita força de vontade e a curiosidade para conhecer um pouco o mundo dos vídeos, as gravações, as cenas, os ensaios, o tratamento com o som, o mundo dos atores e o que mais é a demanda de uma produção de imagens e vídeos. E na verdade, aprecemos em várias ações, não só como atores, mas ajudando a recolher figurinos característicos, escolher, experimentar, ajustar, ver as cenas que iriam ser feitas, marcar os espaços, ver tempo para cada coisa, ajudar a gravar e a ensaiar movimentos, tudo era novidade, mas tudo foi super gratificante de fazer.

O primeiro vídeo realizado pela escola em 2015 foi o “Terras Novas”, que falava da nossa cultura – pomerana – com parte histórica da vinda de nossos antepassados para esta cidade, e uma pequena ficção para ilustrar esse momento. Já o vídeo “E o mundo onde está” de 2016, tratava do meio ambiente, a evolução do ser humano e a forma irresponsável como tratamos o meio ambiente, e também não deixava de ser um tema da nossa volta, pois todos nós lidamos sempre com o meio ambiente.

Os ensaios tratavam de entrelaçar e criar as falas, que eram de improviso, mas seguindo um roteiro pré-determinado que dizia o que teríamos que expressar. Alguns tiveram facilidades sempre, em interpretar e se preparar, outros apresentavam dificuldades, mas tudo era contornado, com conversa, sugestões de todos, e organização para finalizar da melhor forma possível.

Particularmente, para mim a experiência foi marcante, e participar desses vídeos foi uma experiência incrível, e aprendi muito com eles, tanto no de 2015 quando participei como atriz e produção, como no de 2016, quando era da produção. E as expectativas são enormes para o 2017.

Sobre o longa metragem que a Universidade vai rodar fica uma perspectiva maior ainda, porque sei que não é tarefa fácil, até porque não foi qualquer um a ser convidado, não foi um processo de adesão aberta como os vídeos da escola, neste houve um convite, uma escolha, e ser produtora local será encarado da melhor forma possível, com a responsabilidade que eu tiver que ter. Até aí não havia passado pela minha cabeça ser produtora, porque na escola, as tarefas de organização maior eram sempre do professor Sérgio Flores, nosso incentivador do projeto; e sei que essa função agora vai exigir bastante. Esperanças e expectativas são muitas, e a vontade de realizar um bom trabalho é bem grande, e espero conseguir organizar e realizar da melhor forma possível, de acordo com a confiança que está sendo depositada.

Finalizando, falar em gostar dessa forma de produção de vídeos é muito pouco, porque as nossas produções estão inclusive mostrando quem sabe uma futura profissão, já que traz tantas coisas boas no que atualmente estamos produzindo. Só tenho agradecimentos aos que acreditaram em mim e confiaram as tarefas das filmagens, aos colegas que incentivaram e incentivam, aqueles que colaboram e muitas vezes nem gostam de aparecer, ao professor Sérgio Flores que sempre batalha para que sigamos produzindo, e ao Projeto da UFPel e seus organizadores, pois sem eles nada seria concretizado.

RELATO: MAIARA THUROW ALUNA DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL

As produções dos vídeos foram um máximo. Digo isso porque nos ensinaram brincando, e foi super bom fazer parte das mesmas. A proposta era para descontrair, não deixar a gente que iria gravar, mais nervosas que o normal na frente de uma câmera, e foi uma grande experiência fazer parte desses dois eventos. Minhas participações mesmo que com vergonha de aparecer, serviram para que eu aprendesse muito mais, e aos poucos eu fui deixando a vergonha de lado, aprendi a encenar, a ser gravada/filmada, aprendi a improvisar sem receio, isso sem contar que os dois filmes deixaram conteúdo que não é contado desse jeito na escola.

O “Terras Novas” foi filmado na escola, na casa de um colega, e em uma escuna na cidade, e mudou minha ideia inicial que era a de nem participar dos vídeos, mas aos poucos os colegas e o professor fizeram que eu mudasse de ideia. Claro que por ser o primeiro vídeo, a primeira encenação para a câmera foi difícil de fazer, e toda vez que eu iria aparecer dava aquele friozinho na barriga, e isso não era só em mim, mas em todos na filmagem. O vídeo fala sobre a nossa cultura, e sobre o jeito que nossos antepassados deixaram a Europa e vieram para o Brasil, e além de aprender, ficamos orgulhosos com os elogios recebidos de muitos lugares e com os prêmios que ganhamos com ele.

O segundo vídeo “E o mundo onde está”, que tem assunto diferente, já foi mais descontraído, e abordar sobre a natureza, o planeta, o homem e os animais foi bem mais proveitoso e bem direcionado para nós e nossa realidade de hoje em dia. E faz pensar sobre o mau que fazemos ao meio ambiente em muitos momentos. Não sei sobre os outros, mas sei que com esse vídeo, levarei várias coisas aprendidas para a minha vida inteira.

Eu gostaria muito de seguir fazendo filmes, quero contribuir mais ainda e quem sabe no futuro ser uma atriz. Queria que tivéssemos mais oportunidades assim, e estamos na esperança que venham mais. Quero agradecer ao Projeto da UFPel e seus organizadores, ao Professor Sérgio Flores que é um incentivador e mentor dessas nossas “aulas divertidas”, e à Direção da escola que nos faz esses convites e deixa que participemos.

RELATO: LUÍANA HÜBNER PEGLOW ALUNA DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL

As produções dos vídeos marcaram bastante a nossa história e a da escola, e eu me senti bem valorizada e importante por ter feito parte dessas filmagens. Fazer parte do “Terras Novas” foi uma experiência muito boa, ser atriz, melhor ainda, e sei que para todos os meus colegas que atuaram e participaram também foi.

Inicialmente deu até um pouquinho de medo, pensava que se errasse acabaria estragando ou atrapalhando a parte dos outros, mas depois não só eu, mas todos vimos que era quase uma diversão passar pelos ensaios e pelas gravações, e um acalmava o outro, além da descontração com piadas, erros, e até trapalhadas do professor. O primeiro vídeo em 2015 foi o “Terras Novas”, tratava da saída dos pomeranos lá da Europa, em histórias que nossos parentes sempre contam, e a chegada em nossa cidade, os momentos de dificuldade, o problema que foi abandonar suas famílias, terras e amigos na Pomerânia. Durante essas gravações, nós também descobríamos coisas novas, que não tínhamos conhecimento ainda, pois são muitas as histórias, e foi bem trabalhoso montar algumas para compor o filme.

No vídeo “E o mundo onde está”, este mais recente, de 2016, as preocupações foram menores, embora eu tivesse aparecido um pouco mais, e já não havia tanto nervosismo, embora o assunto fosse totalmente diferente do primeiro, pois este tratava sobre o meio ambiente e o homem, e de como o planeta está por causa do homem, das coisas que Deus nos deu e nós deixamos de cuidar, da água, das florestas, dos animais, poluição, desmatamento, agressões à natureza. O aprendizado foi maravilhoso, e nos faz ver a toda hora que as pessoas nem se dão conta que estão maltratando o planeta em que vivemos, e isso é muito errado.

Os ensaios para os dois foram sempre bem divertidos, aprendemos uns com os outros, corrigimos, mudamos as propostas do professor e da produção, trocamos muitas ideias até deixar do jeito que queríamos. E as gravações eram legais, os locais, o que fazíamos, onde cada um ajudava como dava, enfim, aprendemos em todas as funções.

Finalizando, queria que não fosse o final, pois gostei e sei que gostamos tanto de fazer as filmagens, que estamos na esperança que venham mais. Eu só tenho a agradecer ao Projeto da UFPel e seus organizadores, à Direção da escola que nos faz esses convites e deixa que participemos e ao Professor Sérgio Flores que é um incentivador e mentor dessas nossas “aulas mais que divertidas”.